

Títulos cambiais já são 15% da dívida mobiliária

Índice, do fim de novembro, reflete desconfiança vivida no mercado brasileiro

MÔNICA IZAGUIRRE

BRASÍLIA — A crise sofrida pelos mercados financeiro e de capitais no Brasil, em decorrência da crise mundial desencadeada a partir dos mercados asiáticos, aumentou significativamente a participação de títulos remunerados pela variação do dólar na dívida mobiliária interna do governo federal.

A parcela de papéis cambiais, que era de 9,7% no fim de setembro, atingiu 15,1% do total da dívida no fim do mês passado, o maior nível verificado desde o início do Plano Real, em meados de 1994.

Fornecidos pelo Departamento Econômico do Banco Central (Depec), esses números refletem a intranqüilidade e a desconfiança vividas nos meses de outubro e novembro no mercado brasi-

leiro. O governo informou, por diversas vezes, ao longo desses dois meses, que a política cambial não mudaria e, portanto, a cotação do dólar continuaria subindo de forma lenta e gradual.

Mesmo assim, temendo uma mudança mais acelerada da taxa de câmbio, bancos, empresas e investidores de uma forma geral preocuparam-se em aplicar dinheiro em títulos que se valorizassem tanto quanto a moeda norte-americana.

Disparada — Embora tenha continuado a surtir efeitos no mês de novembro, a preocupação em fazer hedge cambial (precaução contra eventual disparada do dólar) teve seu maior impacto sobre a dívida pública já em outubro.

Tanto que a parcela correspondente a títulos cambiais fechou o mês em 12,6%, quase três pontos porcen-

tuais acima do nível verificado no fim de setembro. Até o fim de novembro continuou a subir, atingindo 15,1%.

O saldo da dívida mobiliária do governo federal estava em R\$ 208,35 bilhões no fim do mês passado.

Isso significa que R\$ 31,46 bilhões aproximadamente correspondiam a títulos sobre os quais o governo se comprometeu a pagar a variação da taxa de câmbio, além de uma taxa de juros.

O próprio governo federal procurou emitir mais papéis cambiais e, assim, atender à demanda do mercado por hedge para evitar que os bancos e os investidores, de uma forma geral, buscassem proteger-se, aumentando a procura pelo dólar, como chegou a ocorrer no fim de outubro.

De 28 a 30 de outubro, a procura pela moeda norte-americana forçou o Banco

Central a vender US\$ 11,1 bilhões de suas reservas cambiais. Somada ao aumento dos juros, a estratégia de oferecer títulos vinculados à taxa de câmbio ajudou a conter a perda de reservas internacionais pelo Banco Central.

Juros — Enquanto a parcela de papéis cambiais no total da dívida aumentou, a participação de títulos remunerados apenas a juros prefixados caiu. De 58,4% no fim de setembro, esses títulos recuaram para 52,5% da dívida, no fim de novembro.

Além da preferência do mercado por papéis cambiais, também influenciou essa queda o processo de recompra de títulos realizado em outubro e novembro pelo governo para aumentar a disponibilidade de reais no mercado (liquidez).

Como houve aumento dos juros no fim de outubro, no processo de recompra saíram do mercado principalmente papéis prefixados remunerados a juros antigos e mais baixos.

BC VENDEU
US\$ 11,1
BILHÕES DE
RESERVAS